UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

DÉBORA APARECIDA DIOGO ESPINDOLA

PERCY POTTER:
AS SIMILARIDADES DOS PROTAGONISTAS DE *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL* E *PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS*

Tubarão

2018

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

DÉBORA APARECIDA DIOGO ESPINDOLA

PERCY POTTER:
AS SIMILARIDADES DOS PROTAGONISTAS DE *HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL* E *PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS*

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Universidade do Sul de Santa Catarina.

Prof. Me. Fábio Ballmann (Orientador)

Tubarão

2018

DÉBORA APARECIDA DIOGO ESPINDOLA

PERCY POTTER:
AS SIMILARIDADES DOS PROTAGONISTAS *DE HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL* E *PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS*

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequado à obtenção do título de Licenciado em Letras e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão, 03 de dezembro de 2018.

_____

Me. Fábio Ballmann (Orientador)
Universidade do Sul de Santa Catarina

_____

Me. Eduardo Medeiros Machado (Avaliador)
Universidade do Sul de Santa Catarina

_____

Me. Lucas Pereira Damazio (Avaliador)
Universidade do Sul de Santa Catarina

Com carinho e amor dedico este trabalho aos meus pais, Fabiana e Jorge.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, em primeiro lugar, a Deus, pela força e coragem durante essa caminhada.

Ao meu querido orientador, professor Fábio Ballmann, pela paciência e incentivo nas orientações que tornaram possível a realização e conclusão deste trabalho.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica.

Aos meus pais, irmãs e toda minha família que, com muito carinho e apoio, não mediram esforços para que eu chegasse até essa etapa da minha vida.

Por fim, quero agradecer aos meus amigos que, por muitas vezes, foram minha fonte de apoio e inspiração.

“Existem apenas duas ou três histórias humanas, e elas vão se repetindo sem parar, teimosas, como se nunca tivessem acontecido antes” (Willa Cather, em O Pioneers!).

RESUMO

O presente trabalho visa a estudar as personagens principais das obras literárias *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*, identificando as similaridades na criação dos protagonistas dessas duas obras. Para isso, fundamenta-se nos estudos de personagem e protagonista dentro da Teoria Literária, conforme os autores Souza (1986), Kothe (1985) e Cândido (1981), considerando também a contribuição de Campbell (1999). A pesquisa possui caráter qualitativo, com a abordagem metodológica de estudo de caso, utilizando materiais bibliográficos. O trabalho objetiva encontrar aspectos literários das duas obras que se aproximam, especificamente no que tange aos protagonistas, a fim de desvendar processos de criação literária. Para tanto, são investigados os elementos da narrativa, com enfoque no papel das personagens principais, salientando as semelhanças entre as duas personagens dos livros citados.

Palavras-chave: Harry Potter. Percy Jackson. Protagonista. Herói

ABSTRACT

The present work aims to study the main characters of the literary works *Harry Potter and the Philosopher's Stone* and *Percy Jackson & the Olympians: The Lightning Thief*, identifying the similarities in the creation of the protagonists of these two works. For this, it is based on the studies of character and protagonist within the Literary Theory, according to the authors Souza (1986), Kothe (1985) and Cândido (1981), also considering the contribution of Campbell (1999). The research has a qualitative character, with the methodological approach of case study, using bibliographic materials. The work aims to find literary aspects of the two works that are approaching, specifically in relation to the protagonists, in order to unravel processes of literary creation. For that, the elements of the narrative are investigated, focusing on the role of the main characters, emphasizing the similarities between the two characters of the cited books.

Keywords: Harry Potter. Percy Jackson. Protagonist. Hero.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO **9**
2 TEORIA LITERÁRIA **11**
2.1 GÊNEROS LITERÁRIOS 12
2.2 ELEMENTOS DA NARRATIVA 14
2.3 HERÓI PROTAGONISTA 16
2.4 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL 18
2.5 PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS 19
3 A JORNADA DOS PROTAGONISTAS **21**
4 CONCLUSÃO **34**
REFERÊNCIAS **35**

1 INTRODUÇÃO

Harry Potter e *Percy Jackson e os Olimpianos* são duas sagas literárias infantis. *Harry Potter e a Pedra Filosofal* foi lançado no ano de 1997 por J.K Rowling. Tornou-se uma saga de sete livros, vendendo, segundo o Presse (2017), mais de 450 milhões de exemplares e traduzidos para mais de 79 idiomas, também ganhando adaptações cinematográficas. Algumas obras foram derivadas da saga, como os livros *Quadribol através dos séculos*, *Os contos de Beedle, o bardo* e *Animais fantásticos e onde habitam*. Este último tornou-se uma saga cinematográfica de 5 filmes, com os roteiros escritos pela autora, J.K Rowling. Um oitavo livro foi lançado no ano de 2016, sendo na realidade um roteiro teatral da peça de mesmo nome.

Percy Jackson e o Ladrão de Raios foi escrito no ano de 2005 pelo professor de história Rick Riordan. Tornou-se uma saga de cinco livros. Os livros venderam, de acordo com a editora Intrínseca (2018), mais de 5 milhões de cópias apenas no Brasil. Houve duas adaptações cinematográficas. No plano literário, porém, constam várias derivações da saga, dentre as quais se podem destacar duas novas séries, sendo elas: *Os heróis do Olimpo* e *As provações de Apolo*. O universo de Percy Jackson engloba as mitologias Grega e Romana.

É inegável que ambos os livros apresentam uma fórmula bem feita de técnicas literárias, especialmente a construção da personagem principal, a protagonista. Encontram-se algumas semelhanças entre as duas personagens de ambas as obras. A título de exemplo, tanto Harry Potter quanto Percy Jackson possuem dois melhores amigos, uma do gênero feminino e outra do masculino. Harry e Percy são, num primeiro momento, meninos normais vivendo vidas monótonas, quando não detestáveis, até serem introduzidos em um mundo fantástico desconhecido e precisam lidar com essa nova realidade e suas complicações. Os dois personagens entram no âmbito de heróis, cada um dentro do seu mundo fantástico. Harry Potter precisa lidar com sua realidade bruxa e Percy Jackson com o mundo dos deuses e semideuses.

Nesse trabalho de conclusão, por meio dos fundamentos da teoria literária, procura-se identificar quais são as similaridades entre as personagens principais, os ditos protagonistas de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios.* Entenda-se a teoria literária como os estudos de narrativa e construção de personagens propostos por autores como Souza (1986), Kothe (1985) e Cândido (1981). Observa-se,

portanto, que se trata de uma metodologia de caráter qualitativo, com a abordagem de estudo de caso, utilizando exclusivamente materiais bibliográficos.

O presente trabalho de conclusão obedeceu a uma sucessão de investigações, até se chegar ao recorte definido e aos resultados apresentados. Primeiramente, procedeu-se uma revisão da literatura sobre Teoria Literária, passando pela clássica divisão em Gêneros Literários. Na sequência, foram investigados os Elementos da Narrativa, uma vez que são essas partes constituintes do gênero épico ou narrativo, gênero ao qual se filiam as duas obras sob estudo. Dentro desses elementos, especial atenção se deu ao Protagonista, elemento com o qual são identificados os dois recortes do projeto, a saber, as personagens dos livros já mencionados.

O que se procurou alcançar foi a identificação de semelhanças na construção desses dois protagonistas, os aspectos por eles partilhados e apresentados ao público. Com isso, são apresentados mecanismos de construção literária no capítulo a seguir.

2 TEORIA LITERÁRIA

Moisés (1981, p. 14) diz que “Literatura é a expressão, pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção”. Pode-se dizer então que literatura é todo o texto escrito com fins literários, com propriedades da imaginação e produções ficcionais de seus autores.

A literatura se transforma em um problema à medida que precisa de uma teoria, um estudo e uma análise metódica. A isto se presta a Teoria Literária. O termo, segundo Souza (1986, p. 37), “designa uma ampla renovação metodológica, adversária das contribuições oitocentistas representadas pela história da literatura, ciência da literatura ou critica literária”.

O termo foi empregado, inicialmente, em duas obras russas, mas elas não conferiam a utilização do termo como vemos hoje. Porém, é com o prestígio alcançado no livro “Teoria Literária”, publicado em 1942, pelos coautores Réne Wellek e Auntin Warren, que o termo se difundiria e se consagraria no que hoje conhecemos como a disciplina que investiga a literatura (SOUZA, 1986).

A análise literária, pressuposta pela teoria, tem a tarefa de analisar texto por texto, conceito por conceito, seguindo uma metodologia que auxilie o desmonte e interpretação de qualquer obra. Tal metodologia depende de uma aparelhagem para analisar o texto, com conceitos que adequarão o estudo. Moisés (1981, p. 21-22) diz:

> [...] o analista deva municiar-se da necessária aparelhagem teórica· acerca dos gêneros, espécies e fôrmas, para que não misture os respectivos planos de ação, e não exija de um os atributos de outro. [...] Em síntese: há normas gerais, aplicáveis a qualquer obra literária, não importa o seu gênero, espécie ou fôrma, e normas destinadas à análise independente de cada gênero, espécie ou fôrma, as quais, por sua vez, remeterão para a análise de cada obra em particular, alvo derradeiro do analista.

A análise estuda apenas o texto. Aspectos como contexto cultural, histórico ou biográfico ficam a cargo da Teoria Literária (MOISÉS, 1981).

Pensa-se muito em uma teoria literária distinta de prática, apenas um conjunto de noções básicas sobre qualquer literatura. Entretanto, Souza (1986, p. 20) afirma que teoria literária “[...] constitui uma modalidade histórica e conceitualmente distinta de problematizar a literatura, de maneira metódica e aberta à pluralidade da produção literária e de seus modelos de análise”.

No século XIX, pensava-se que o objeto de estudo da Teoria Literária era a investigação do conjunto de produções escritas. Contudo, as várias correntes da Teoria Literária compreendiam que esse estudo não era realmente o objeto da pesquisa (SOUZA, 1986). Levando em conta a palavra "Literatura" e seu amplo significado, designaram-se algumas distinções sobre a mesma, sendo elas:

> literatura *lato sensu*: conjunto da produção escrita, objeto dos estudos literários segundo a orientação positivista do século XIX; literatura *stricto sensu*: parte do conjunto da produção escrita e, eventualmente, certas modalidades de composições verbais de natureza oral (não-escrita), dotadas de propriedades específicas, que basicamente se resumem numa elaboração especial da linguagem e na constituição de universos ficcionais ou imaginários (SOUSA, 1986, p. 42, itálico no original).

A palavra "Literatura", por conseguinte, em si mesma não revela o objeto real do estudo da Teoria Literária. Ocorre, pois, uma necessidade de apurar mais os sentidos das palavras, chegando-se a conclusão que:

> [...] o objeto da teoria da literatura é a literatura *stricto sensu*, ou a poesia no segundo sentido por nós apontado, isto é, no sentido de literatura, englobando manifestações tanto em linguagem metrificada quanto em não-metrificada, desde que em tais manifestações se reconheçam propriedades consideradas artísticas e/ou ficcionais, por oposição às demais obras escritas — científicas ou técnicas — destituídas de tais propriedades (SOUZA, 1986, p. 43, itálico no original).

Portanto, a Teoria Literária estuda algo além do material escrito, presente em todo universo ficcional, buscando também o campo das composições verbais e não verbais. Busca estudar a literariedade que, preconizada por Souza (1986, p. 47), é "o modo especial de elaboração da linguagem inerente às composições literárias, caracterizado por um desvio em relação às ocorrências mais ordinárias da linguagem".

Existindo, então, uma Teoria Literária, devem existir também seus elementos e pressupostos. Um dos mais canônicos é a categorização dos textos literários em gêneros, os quais são investigados a seguir.

2.1 GÊNEROS LITERÁRIOS

De acordo com Pires (1981, p. 59), gêneros literários são “modelos absolutos” nos quais as criações literárias estão enquadradas. Os gêneros servem para auxiliar o estudo de obras literárias, na tarefa de reconhecer peculiaridades comuns a diversos textos. Os mesmos vêm se modificando ao longo do tempo, ganhando novas formas e concepções:

> [...] toda obra está vinculada a um conjunto de informações e a uma situação especial de apreensão e, por isso, pertence a um gênero, na medida em que admite um horizonte de expectativas, isto é, alguns conhecimentos prévios que conduziriam à sua leitura. Os gêneros formariam as redundâncias necessárias à recepção e à situação da obra e apresentariam marcas variáveis, não totalmente conscientes, que serviriam de orientação à leitura e à produção. A descrição de um texto literário seria, portanto, sempre histórica e guiada "pelo conhecimento das expectativas com que são recebidas e/ou produzidas" (SOARES, 1989, p. 20).

Os gêneros literários podem ser divididos em três elementos literários. São eles: o Lírico, Dramático e Épico. Gancho (1991, p. 6) irá definir gênero lírico como aquele que pertence à poesia lírica; dramático como texto teatral que engloba o texto do teatro, o espetáculo; o gênero épico como gênero narrativo ou ficcional, ele se estruturará sobre uma história.

O gênero épico, ainda segundo Gancho (1991, p. 7), recebe esse nome por causa das epopeias, narrativas heroicas em versos. Entretanto, nos dias de hoje esse gênero se manifestará em prosa. Ele nos dirá que “literatura de ficção é a narrativa literária em prosa” (GANCHO, 1991, p. 7). Dentro do gênero épico as narrativas mais difundidas são: o romance, a novela, o conto e a crônica.

Dado serem os objetos de estudo dois romances, ambos são escritos em prosa. Para Moisés (1981, p. 84), a prosa:

> [...] constitui a expressão do ‘não-eu’ através de metáforas aproximadamente univalentes [...]visto que da se enquadra no perímetro das Artes, a metáfora continua a ser seu meio primordial de comunicação, mas empregada segundo específicos padrões de qualidade e quantidade.

A prosa é, atualmente, a principal manifestação das narrativas. Nem sempre foi assim, uma vez que a antiguidade foi marcada pelas epopeias gregas de Homero, um gênero textual que se perpetuou até depois do Renascimento. Com a ascensão da burguesia, a partir do século XVIII e XIX, a epopeia deu lugar aos romances, narrativas escritas preferencialmente em prosa. Comumente essas narrativas tratam de histórias ficcionais que, no dizer de Proença Filho (1986, p. 45), são “histórias fictícias ou simuladas, nascidas da

imaginação.” Tal definição cabe às obras analisadas, visto serem narrativas povoadas por seres mágicos ou mitológicos.

São comuns no universo literário três tipos de composição em prosa: o já citado romance, o conto e a novela. Entrementes, os objetos analisados são tipificados como romances, por apresentarem uma história ampla, com elementos e personagens complexos com uma grande área de vivências.

Segundo Soares (1989), o romance tem início na Idade Média, com os romances de cavalaria, sem compromisso com fatos históricos e já como ficção. No Renascimento, surge o romance sentimental e pastoril. Depois vem o Barroco e suas aventuras inverossímeis e complicadas. Com a chegada da narrativa moderna, houve constantes transformações, caracterizando-se principalmente pelas críticas. Todas essas características constituíram o romance como é hoje.

O romance pode ser dividido em dois tipos de narrativas, o aberto e o fechado:

> [...] o romance apresentasse uma diegese com princípio, meio e fim claramente de limitados: começava por uma apresentação na qual são definidas as personagens, as circunstâncias do enredo, a ambiência; prosseguia com a complicação, quando se encadeiam os fatos, que chegam ao clímax, isto é, ao ápice da ação e ao encontro da solução; e terminava com o epílogo, quando geralmente é o leitor informado sobre o destino das personagens. [...] esse tipo de narrativa, conhecida como romance fechado. Já no chamado romance aberto, desaparecem aqueles limites e temos a impressão de que o Autor poderia ter acrescentado, se quisesse, novos episódios aos já narrados. É até comum deixar-se para o leitor a criação de um fim. Não há no romance aberto um capítulo conclusivo, muitas vezes, a presença da personagem principal é o único elo de ligação entre os capítulos (SOARES, 1989, p. 45).

São elementos estruturadores do gênero narrativo o enredo, as personagens, o espaço, o tempo e foco narrativo. A seguir se apresenta o conceito de cada um desses elementos.

2.2 ELEMENTOS DA NARRATIVA

Os elementos da narrativa compõem a construção de um romance, como elencado anteriormente. São de suma importância para que o leitor possa identificar o gênero e se situar dentro dele (SOARES, 1989).

O enredo é o resultado da ação dos personagens. Ele existe através do discurso narrativo, ou seja, como se desenrolam os acontecimentos. Dentro do enredo há o tema, uma ideia comum que constrói o sentido da obra literária. Pelo enredo é transmitida a descrição das personagens e ambientes (SOARES, 1989).

> A narrativa, que integra ação e narração, caracteriza uma sequência, simples ou complexa, de conflitos ou tensões que se resolvem ou não. A ação se situa, assim, no nível da trama, intriga ou enredo, que envolve o que ocorre com os personagens, o conjunto de seus atos ou reações, os acontecimentos ligados entre si, tudo isso comunicado pela narrativa (PROENÇA FILHO, 1986, p. 51).

Toda narrativa acontece dentro de um fluxo de tempo. O tempo é marcado por meio de referências a dias, meses ou épocas. Pode ser cronológico, seguindo uma ordem correta de tempo, ou psicológica, por meio de flashes e impressões pessoais (SOARES, 1989, p. 49-50). O espaço é o lugar ocupado pela ação das personagens. Gancho (1991, p. 23) assim o define:

> Espaço é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, haverá menos variedades de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maios influência de espaços.

O ponto de vista, ou foco narrativo é o modo como é contada a história. Classifica-se como heterodiegética quando o narrador não é uma das personagens e homodiegética quando do contrário. O foco é interno sempre que o narrador conhece o que se passa na interioridade da personagem e no foco externo apenas descreve os acontecimentos. É onisciente quando conhece tudo sobre as personagens e restritivo na qual não sabe tudo. Pode ser interventivo se expõe sua opinião ou neutral se não interfere nos fatos (SOARES, 1989).

Existem duas distinções de personagens, as planas e as esféricas. As planas, de acordo com Candido (1981, p. 62), “são construídas em uma única ideia ou qualidade”. Segundo o mesmo autor, as personagens esféricas “se reduzem essencialmente ao fato de terem três, e não duas dimensões; de serem, portanto, organizadas com maior complexidade e, em consequência, capazes de nos surpreender”.

Em uma narrativa também é possível detectar as personagens principais, chamadas de protagonistas, e as secundárias, chamadas de comparsas. Por vezes, é difícil separar as personagens principais das secundárias. Os protagonistas, no entanto, sempre terão uma forte atuação na trama, pois o enredo se desenrola a partir deles (SOARES, 1989, p. 47).

É importante salientar que nem todo protagonista pode ser chamado de herói ou tem as características de um. Ou, pelo menos, a categorização de herói é discutível do ponto

de vista ético ou moral da parte do leitor, mas não da personagem. Explica-se: o senso comum entende como herói, num sentido amplo, alguém que enfrenta e supera as dificuldades que se apresentam a fim de chegar a seus objetivos. Culturalmente, é alguém de boa índole enfrentando conflitos perpetrados por seus detratores, que obviamente configuram-se como vilões ou seres de má índole.

Não obstante, é possível se acompanhar toda uma saga de personagens moralmente duvidosos, a exemplo de um Macunaíma, de autoria de Mário de Andrade, ou mais antigo ainda, os artifícios de Ulisses, na Odisseia de Homero. Isso para não falar de personagens moralmente malignos, mas que são protagonistas de sua história, como o Drácula de Bram Stoker.

O público encontrará dificuldades em chamar tais personagens principais de heróis. Contudo, num esforço imaginativo e metalinguístico, se a esses seres literários fosse possível dar voz fora de suas obras, provavelmente nenhum deles se descreveria como um vilão, mas como alguém de moralidade superior ou vítima das circunstâncias.

Entretanto, a nomenclatura de “herói” é valiosa para esse Trabalho de Conclusão, visto caberem, tanto numa definição de senso comum quanto numa definição mais cientifica, as personagens que são tema do projeto. Harry Potter e Percy Jackson, dentro de suas narrativas, são os protagonistas e são os heróis, visto enfrentarem e venceram os inúmeros conflitos que se lhes apresentam. Faz-se necessário, então, investigar esse elemento da narrativa, o que é feito a seguir.

2.3 HERÓI PROTAGONISTA

O herói pode ser a personagem principal de uma história, fazendo parte das peças fundamentais do texto como um todo. Segundo Kothe (1985, p. 8), “o herói é, portanto, estratégico para decifrar o texto como contexto estruturado verbalmente. Este não é apenas um problema literário, mas atinge a todas as narrativas, seja qual for o veículo”. O mesmo autor classifica os heróis em trágicos, épicos e anti-heróis épicos.

Os heróis clássicos são heróis com uma classe alta, eles procuraram demonstrar a “classe” dessa classe. Com base neles, temos os heróis épicos e os trágicos. Ambos são unidos em duas pontas, o alto e o baixo (KOTHE, 1985, p.12).

O herói épico é construído em sua totalidade por grandes atos heroicos, ou seja, ele é a parte mais elevadas dos heróis. Tem momentos de provação, que o ajudam a crescer.

> Ainda que passe por grandes dificuldades e provações, e ainda que venha a constituir boas partes de sua grandeza através de uma série de "baixezas" (matar, mentir, tripudiar cadáveres, enganar e mentir), a narrativa épica clássica, adotando o ponto de vista do herói, trata de metamorfosear a negatividade em positividade, e o herói épico tem, por isso, um percurso fundamentalmente mais pelo elevado do que o herói trágico, cujo percurso é a queda (KOTHE, 1985, p. 12).

O herói épico indica o caminho da história. Quando decai em sua epicidade, cresce em humanidade, ganhando assim a simpatia do leitor. Ele luta até o fim e, enfrentando suas dificuldades, sai vitorioso (KOTHE, 1985, p. 14-15).

O herói trágico difere do herói épico enquanto sua construção. Ele é constituído por um sistema formado pela tragédia, é desenvolvido pela força do destino. Ele é o que se pode chamar de "bode expiatório".

> Todo grande personagem é uma união de contrários: ele é alto cuja grandeza está na baixeza, ou é o alto que cai e readquire a grandeza na queda, ou então é o baixo que se eleva e se mostra grandioso apesar dos pesares. Quanto maior sua desgraça, tanto a maior sua grandeza. Sua desgraça não é mera choradeira, mas duro aprendizado da "condição humana", transcendendo a doutrinação que lhe é inerente. À medida que a expiação da culpa originária aponta para uma solução do conflito trágico, leva também a uma reconciliação interior (KOTHE, 1985, p. 13).

A queda do herói trágico é o que o faz crescer em grandeza. E as baixezas do herói épico o elevam, no sentido de que o humanizam. De acordo com Kothe (1985, p. 15), "o herói épico é o sonho de o homem fazer a sua própria história; o herói trágico é a verdade do destino humano".

O anti-herói épico é o contrário do herói épico. Ele nada mais é do que o não-herói, aquele que não se enquadra nos valores do ponto de vista narrativo. O herói é épico não pelo o que ele faz, mas sim como é apresentado. Já o anti-herói é apresentado como um ser sem valores (KOTHE, 1985, p. 16).

Vistos esses conceitos de herói, cabe aplicá-los aos objetos de pesquisa desse trabalho: Harry *Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios.* Começa-se por *Harry Potter e a Pedra Filosofal,* visto ser, dentre os dois livros, o primeiro a ser lançado.

2.4 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL

Harry Potter e a Pedra filosofal foi lançado no ano de 1997 na Grã-Bretanha, pela editora Bloomsbury. Posteriormente, no ano de 2000, foi lançado no Brasil pela editora Rocco. O livro foi escrito pela Joanne Rowling, que assina como J.K Rowling. No mesmo ano de seu lançamento, segundo a editora Rocco (2018), o livro ganhou o Smarties Gold Prize, um dos mais importantes prêmios da Inglaterra para Literatura e poesia. No ano de 2001, foi lançada a sua adaptação cinematográfica pelo estúdio de distribuição Warner Bros. Entertainment.

O livro narra à história de Harry, um menino que ainda bebê quase é assassinado por um bruxo das trevas, Voldemort. Seus pais não têm a mesma sorte e são assassinados. Assim, Harry é deixado na porta da casa de seus tios e seu primo, chamados de "trouxas"[1]. Dez anos se passam e Harry é tratado de forma inferior por seus tios e primo, dormindo embaixo da escada e vestindo as roupas velhas de Duda, seu primo.

> Harry sempre fora pequeno e muito magro para a idade. Parecia ainda menor e mais magro do que realmente era porque só lhe davam para vestir as roupas velhas de Duda e Duda era quatro vezes maior do que ele. Harry tinha um rosto magro, joelhos ossudos, cabelos negros e olhos muito verdes. Usava óculos redondos, remendados com fita adesiva, por causa das muitas vezes que Duda o socara no nariz. A única coisa que Harry gostava em sua aparência era uma cicatriz fininha na testa que tinha forma de um raio. Existia desde que se conhecia por gente [...] (ROWLING, 2000, p. 20).

Seus tios o tratam como um estorvo, escondendo a verdade sobre seus pais e sua origem bruxa. Ao longo dos anos, Harry sempre percebeu que coisas estranhas aconteciam ao seu redor e consigo. Todavia, seus tios nunca o permitiam falar sobre o assunto. Perto do seu décimo primeiro aniversário, Harry começa a receber cartas. Seus tios, no entanto, não permitem que ele as leia. Apesar da proibição dos tios, as cartas continuam a chegar e cada vez com mais frequência. Para que isso acabe, Válter, tio de Harry, decide se mudar para um lugar distante.

Chegam a um rochedo no meio do mar, longe de tudo. No dia do seu aniversário, Harry recebe uma visita inusitada. Hagrid, o guarda-caça da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, conta a verdade a ele sobre sua origem bruxa e a morte de seus pais, e, finalmente, entrega a carta da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

---

[1] Termo usado pelas personagens bruxas para se referirem às personagens não bruxas no livro.

Durante seu período em Hogwarts, Harry conhece e faz novos amigos, como Rony e Hermione, e também inimigos, como Draco Malfoy. Coisas estranhas acontecem na escola, um trasgo, espécie de monstro, aparece nas masmorras da escola e um cão de três cabeças vive em uma sala. Todos os acontecimentos fazem com que Harry acredite que Voldemort, o grande bruxo das trevas que matou seus pais e supostamente morreu tentando mata-lo está vivo e querendo retornar ao poder com ajuda da pedra filosofal. Isso motiva Harry e seus amigos a procurá-lo e impedi-lo de retornar.

Harry, por fim, encontra-se com seu professor Quirrell, que estava sendo usado por Voldemort, e os dois entram em uma batalha. Harry o derrota e consegue assim a Pedra Filosofal, impedindo o retorno de Voldemort.

Tendo um pouco mais de conhecimento sobre um dos objetos de pesquisa do presente trabalho, na seção que se segue será apresentado o outro objeto de pesquisa: *Percy Jackson e o Ladrão de Raios*.

2.5 PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS

Percy Jackson e o Ladrão de Raios foi lançado no ano de 2005, pela editora Puffin Books. No Brasil, o livro foi lançado pela editora Intrínseca no ano de 2008. Ele foi escrito pelo professor de história Rick Riordan. No ano de 2010, foi lançada sua adaptação cinematográfica pelo estúdio de distribuição 20th Century Fox.

O livro narra a saga de Percy Jackson, um menino de doze anos de idade diagnosticado com dislexia e TDH[2]. Ele estuda em um internato, Academia Yancy, uma escola particular para crianças problemáticas.

Durante uma excursão da escola para o museu de artes, o Metropolitan Museum of Art, Percy está sob rigorosa observação dos professores, já que em outras ocasiões se meteu em problemas. Entretanto, em um dos momentos que presencia seu amigo Grover ser alvo de chacotas e piadas, vê algo estranho acontecer. Nancy, a garota que importunava seu amigo, foi parar em um chafariz sem explicação. Dessa forma, a Sra. Dodds, umas das

[2] Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade.

professoras de Percy na excursão, aparece do seu lado e o leva para dentro do museu como um castigo.

Ali ele é atacado pela própria professora, que se transforma em uma Fúria, uma espécie de monstro alado da mitologia grega. Ele é ajudado por outro professor que está em uma cadeira de rodas. Percy fica confuso com o que acontece, pois ninguém mais se lembra da professora, apenas ele. É como se tudo não tivesse acontecido.

O tempo passa e continua a mesma coisa, ninguém se lembra da professora, apenas ele. Nas férias de verão, Percy vai para casa, onde vive com sua mãe e seu padrasto, de quem não gosta. Em casa, sua mãe decidi ir com ele passar uns dias em um chalé. Sua mãe nunca falou sobre seu pai, até aquele dia:

> Finalmente, reuni coragem para perguntar sobre o que sempre me vinha à cabeça quando íamos a Montauk – meu pai. Os olhos dela ficaram cheios d'água. Imaginei que iria me contar as mesmas coisas de sempre, mas nunca me cansava de ouvi-las.
> - Ele era gentil, Percy – disse ela. – Alto, bonito e forte. Mas gentil também. Você tem o cabelo dele, você sabe, e os olhos verdes *(*RIORDAN, 2008, p. 24).

Na mesma noite que chegam ao chalé, algo estranho acontece e Grover, seu amigo aparece, eles são perseguidos e atacados por um minotauro. Nessa corrida, Percy descobre a verdade sobre si e sobre Grover, ele é um semideus filho de Poseidon e seu amigo é um fauno disfarçado. Perto do acampamento meio-sangue, lugar onde moram os semideuses, sua mãe desaparece.

No acampamento, ele conhece Annabeth, filha de Atena. Lá também descobre que o Raio do deus Zeus foi roubado e que todos acham que ele o pegou. Determinado a achar sua mãe e provar sua inocência, Percy, Grover e Annabeth saem do acampamento e vão em busca do Raio e de sua mãe.

Percy após passar, juntamente com seus amigos, por grandes desafios, descobre quem roubou o Raio de Zeus, Luke. Percy o derrota e consegue devolver o Raio a Zeus e impedir uma guerra, também conseguindo salvar sua mãe.

Até o presente momento do trabalho, foi visto os conceitos que dão embasamento para está pesquisa. No capítulo que se segue será realizada a análise dos protagonistas de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios.*

3 A JORNADA DOS PROTAGONISTAS

"A Jornada do Herói" é um termo cunhado pelo estudioso de mitologia comparada Joseph Campbell. Ele a apresenta em seu trabalho seminal *Herói de Mil Faces* (1999). Nesse estudo, o autor defende que todas as histórias, em todas as mitologias, estão ligadas por uma mesma estrutura de roteiro. Essa estrutura é o embrião de todas as narrativas.

> A Jornada do Herói não é uma invenção, mas uma observação. É o reconhecimento de um belo modelo, um conjunto de princípios que governa a condução da vida e o mundo da narrativa do mesmo modo que a medicina e a química governam o mundo físico. É difícil evitar a sensação de que a Jornada do Herói existe em algum lugar, de algum modo, como uma realidade eterna, uma forma ideal platônica, um modelo divino. Deste modelo, cópias infinitas e altamente variadas podem ser produzidas, cada uma repercutindo o espírito essencial da forma (VOGLER, 2006, p. 11).

Joseph Campbell divide a Jornada do Herói em três capítulos, sendo eles *A partida, A iniciação* e *O retorno*. Cada capítulo está dividido em seções. Ao capítulo *A partida* correspondem as seções: *O chamado da aventura, A recusa do chamado, Auxílio sobrenatural, Passagem pelo primeiro limiar* e O *Ventre da baleia*. Ao capítulo *A iniciação* cabem as seções: *Caminho de provas, O encontro com a deusa, A mulher como tentação, Sintonia com o pai, Apoteose* e *A Benção última*. O último capítulo da jornada é dividido nas seções: *Recusa do retorno, Fuga mágica, Resgate com o auxílio externo, Passagem pelo limiar do retorno, Senhor dos dois mundos* e *Liberdade para viver*.

Uma vez que as obras são analisadas sob o enfoque de seus protagonistas, serão tomadas, como recorte de análise, três partes distintas da jornada, a saber, *O chamado da aventura, A recusa do Chamado* e *A passagem pelo limiar de retorno*. Essa escolha não é sem motivo, pois são justamente as fases em que os protagonistas iniciam ou terminam sua jornada. Logo, são ideais para que as similaridades sejam melhores percebidas.

Campbell (1999, p. 36), em linhas práticas, descreve a jornada da seguinte maneira:

> Um herói vindo do mundo comum se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes.

O mundo comum é a apresentação do herói, quem ele era antes de passar pela jornada. Esse mundo é apresentado como o cotidiano do herói, seu dia a dia. Ele é o ambiente

com o qual o herói está acostumado. O mundo comum é a partida para a aventura do herói a um novo mundo desconhecido e sobrenatural, mágico ou místico.

Os protagonistas de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Percy Jackson e o Ladrão de Raios* vivem esse mundo comum como duas crianças que passam por dificuldades e problemas no seu dia a dia, seja com seus familiares, seja com os colegas da escola.

No caso de *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, conhecemos um menino, Harry, que vive junto de seus tios e seu primo. Sua infância é dividida entre ficar no armário sob a escada, fazer os afazeres domésticos de casa e fugir de seu primo e amigos.

> [...] Harry levantou-se devagar e começou a procurar as meias. Encontrou-as debaixo da cama e depois de retirar uma aranha de um pé, calçou-as. Harry estava acostumado com aranhas, porque o armário sob a escada vivia cheio delas e era ali que ele dormia (ROWLING, 2000, p.20).

No livro Percy Jackson e o Ladrão de Raios, conhecemos Percy, um garoto que sofre de TDH e dislexia. Percy passa sua infância mudando de escolas por causar diversos problemas, até parar em uma para crianças problemáticas.

> [...] coisas ruins me acontecem em excursões escolares. Como na minha escola da quinta série, quando fomos para o campo de batalha de Saratoga, e eu tive aquele incidente com um caminhão da Revolução Americana. Eu não estava apontando para o ônibus da escola, mas é claro que fui expulso do mesmo jeito (RIORDAN, 2009, p. 10).

Ambos os protagonistas têm infâncias complicadas e problemáticas. O mundo comum de ambos é baseado em enfrentamentos diários, tanto com agentes externos como com seus próprios pensamentos e situações por eles próprios considerados estranhos. Harry e Percy passam por momentos em seu mundo comum que não podem explicar.

> A turma de Duda o estava perseguindo, como sempre, e tanto para a surpresa de Harry quanto dos outros ele apareceu sentado na chaminé. [...] o que tentara fazer (conforme gritou para tio Válter através da porta trancada do armário) fora saltar para trás das grandes latas de lixo à porta da cozinha. Harry supunha que o vento devia tê-lo apanhado na hora que saltou (ROWLING, 2000, p. 24).

> [...] Tentei ficar calmo. O orientador da escola me dissera um milhão de vezes: “Conte até dez, controle seu gênio.” Mas estava tão furioso que me deu um branco. Uma onda rugia nos meus ouvidos. Não lembro de ter tocado nela, mas quando dei por mim Nancy estava sentada no chafariz (RIORDAN, 2009, p. 17).

O mundo comum de ambos é mudado e deixado para trás no momento em que acorre o *Chamado para a Aventura*. Segundo Campbell (1999, p.66), o chamado:

> [...] significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Essa fatídica região dos tesouros e dos perigos pode ser representado sob várias formas: como uma terra distante, uma floresta, um reino subterrâneo, a parte inferior das ondas [...]. Mas sempre é um lugar habitado por seres estranhamente fluidos e polimorfos, tormentos inimagináveis, façanhas sobre humanas e delícias impossíveis.

O Chamado da Aventura é um desafio ao herói. Após ser apresentado a ele, o herói não pode mais ficar indiferente a esse novo mundo e à aventura apresentada. Ele precisa escolher deixar o mundo como conhece e ir em direção ao desconhecido. É nesse momento que o objetivo do herói é acertado e o seu destino se inicia como tal. O chamado pode acontecer de várias formas, pode ser um erro, algum fenômeno que chama sua atenção. Ou seja, ele pode vir de todos os cantos e formas:

> A aventura pode começar como um mero erro, como ocorreu com a aventura da princesa do conto de fadas; igualmente, o herói pode estar simplesmente caminhando a esmo, quando algum fenômeno passageiro atrai seu olhar errante e leva o herói para longe dos caminhos comuns do homem. Os exemplos podem ser multiplicados, *ad infinitum*, vindos de todos os cantos do planeta (CAMPBELL, 1999, p. 66, itálico no original).

O chamado da aventura nos objetos dessa pesquisa acontece de duas formas em ambos os livros analisados. Inicialmente, ocorre como um evento que acarreta uma curiosidade, uma abertura para algo novo e desconhecido. Na sequência, é apresentada aos heróis sua realidade fantástica e maravilhosa. Seus destinos heroicos se iniciam nesse ponto, tanto Harry Potter quanto Percy Jackson se reconhecem como seres mágicos e fantásticos, não mais como meninos comuns com monótonas.

Harry Potter tem seu primeiro contato com a aventura ao receber cartas de um destinatário desconhecido e amedrontador. Inicialmente, uma única carta chega a sua casa e é o suficiente para deixá-lo curioso. O fato de seus tios não permitirem a leitura da carta só a torna mais fascinante. Durante os dias que se seguem, mais cartas aparecem, e isso faz com que Harry crie motivação para descobrir o que nelas se esconde.

> Harry se esquivou da bengala da Smeltings e foi apanhar o correio. Havia três coisas no capacho: um postal da irmã do tio Válter, Guida, que estava passando férias na ilha de Wight, um envelope pardo que parecia uma conta e – *uma carta para Harry*. Harry apanhou-a e ficou olhando, o coração vibrando como um elástico gigante. Ninguém, jamais, em toda a sua vida, lhe escrevera. Quem escreveria? Ele não tinha amigos, nem outros parentes – não era sócio da biblioteca, de modo que jamais recebera sequer os bilhetes grosseiros pedindo a devolução de livros. Contudo, ali estava, uma carta, endereçada tão claramente que não podia haver engano.
> *Sr. H. Potter*

> *O Armário sob a Escada*
> *Rua dos Alfeneiros 4*
> *Little Whinging*
> *Surrey*
> O envelope era grosso e pesado, feito de pergaminho amarelado e endereçado com tinta verde-esmeralda. Não havia selo. Quando virou o envelope, com a mão trêmula, Harry viu um lacre de cera púrpura com um brasão; um leão, uma águia, um texugo e uma cobra circulando uma grande letra "H" (ROWLING, 2000, p. 30, itálico no original).

Essa primeira carta desencadeará situações que provocam em Harry desconfiança de seu mundo comum. A carta apresentará seu objetivo enquanto herói e fará com que Harry comece a abandonar o conhecido e ir em busca do desconhecido e misterioso que se esconde nelas.

A chegada da primeira carta, como dito anteriormente, desencadeará algumas situações que levam ao segundo momento do chamando da aventura. Outras cartas continuam a aparecer após a primeira, e, isso faz com que Válter, tio de Harry, leve-os para longe, um rochedo fora da cidade. Esse movimento é a iniciação de Harry em sua aventura, o início do desconhecido.

Esse segundo momento acontece no casebre em cima do rochedo. Harry é efetivamente apresentado ao seu novo mundo. Um ser misterioso adentra o casebre e conta a Harry sua origem bruxa. A anunciação da aventura pode ser feita por um agente ou arauto, uma figura misteriosa, sombria e aterrorizante.

> O arauto ou agente que anuncia a aventura, por conseguinte, costuma ser sombrio, repugnante ou aterrorizador, considerado maléfico pelo mundo [...]. O arauto pode ser um animal (como no conto de fadas), representante da fecundidade instintiva reprimida que está dentro de nós. Pode ser igualmente uma figura misteriosa coberta por um véu -- o desconhecido (CAMPBELL, 1999, p. 6).

O ser desconhecido que aparece à porta de Harry inicialmente traz essas características. Com isso, é nessa parte do livro que Harry conhece sua origem e um pouco do que provavelmente encontrará ao aceitar o chamado. A figura no livro é descrita de tal forma:

> Um homem gigantesco estava parado ao portal. Tinha o rosto completamente oculto por uma juba muito peluda e uma barba selvagem e desgrenhada, mas dava para se ver seus olhos, luzindo como besouros negros debaixo de todo aquele cabelo. O gigante espremeu-se para entrar no casebre, curvando-se de modo que a cabeça apenas roçou o teto. Abaixou-se, apanhou a porta e tornou a encaixá-la sem esforço no portal. O ruído da tempestade lá fora diminuiu um pouco. Ele se virou para encarar todos (ROWLING, 2000, p. 39).

Posteriormente, descobrimos que a figura é Hagrid, guardião das chaves e das terras de Hogwarts, escola de magia e bruxaria. Ele tem o dever de contar a Harry quem ele é e leva-lo a escola. Além disto, é Hagrid quem conta a verdade sobre a morte dos pais do herói e como surgiu sua cicatriz em forma de raio na testa. A verdade sobre sua origem, bem como a ciência de que havia sido enganado pelos tios durante toda sua vida, são suficientes para Harry deixar seu mundo comum e ir em direção a sua aventura. Entretanto, pouco antes de aceitar seu novo mundo, ele faz uma pequena recusa, a ser melhor explanada posteriormente.

A narrativa de Percy Jackson também apresenta dois momentos no chamado da aventura. O primeiro chamado também ocorre como uma curiosidade sobre algo inexplicável. Percy é atacado por uma fúria, um ser mitológico semelhante a uma bruxa com asas de morcego. Momentos antes, essa criatura era sua professora de matemática. O fato de Percy ser atacado por um ser mitológico poderia ser de fato o seu Chamado para a Aventura, porém o que ocorre depois desse acontecimento provocará em Percy uma curiosidade e não uma certeza sobre seu destino ou origem.

> Então algo muito estranho aconteceu. Os olhos dela começaram a brilhar como carvão de churrasco. Os dedos se esticaram, transformando-se em garras. O casaco se fundiu em grandes asas de couro. Ela não era humana. Era uma bruxa má e enrugada, com asas de morcego e com uma boca repletas de presas amareladas --- e estava prestes a me fazer em pedaços (RIORDAN, 2009, p. 20).

Percy Jackson consegue derrotar a fúria e sobreviver. Entretanto, tudo desaparece. Seus colegas e professores não se lembram da professora de matemática, todos afirmam que ela nunca existiu.

Esse fato faz Percy questionar sua imaginação e realidade, pois ele é o único que se lembra da tal professora. Surgem desconfianças sobre seu mundo e as pessoas a sua volta. Percy crê que seu amigo, Grover, e o professor de latim escondem algo. Todas as desconfianças levam Percy a desconfiar se que aquilo realmente aconteceu.

Diferentemente de Harry Potter, o primeiro momento do Chamado da Aventura não desencadeia o segundo. Em Percy Jackson, os dois momentos do Chamado são distintos. Percy está com sua mãe em um chalé na praia quando Grover aparece para leva-los dali, afirmando que um grande perigo se aproxima. O caos forma-se e Percy fica em uma onda de confusão, principalmente sobre sua mãe e seu amigo se conhecerem. É na fuga de carro que todos os acontecimentos na vida do herói começam a se encaixar.

> Tentei envolver minha mente no que estava acontecendo, mas não consegui. Sabia que aquilo não era um sonho. Eu não tinha imaginação. Jamais poderia sonhar algo tão estranho.
> Minha mãe fez uma curva fechada para a esquerda. Desviamos para uma estrada mais estreita, passando com velocidade por casas de fazendas às escuras, colinas cobertas de árvores e placas que diziam "COLHA SEUS PRÓPRIOS MORANGOS" sobre cercas brancas (RIORDAN, 2009, p. 54).

O segundo momento de Percy acontece em decorrência de um perigo. Novamente um ser mitológico se apresenta ao herói. No caso o Minotauro, criatura humanoide com aspectos taurinos, será o arauto anunciador da aventura. É de fato nesse momento que o herói descobre sua origem, enfrenta o perigo e, principalmente, escolhe pela sobrevivência e de sua mãe e amigo. Ele derrota o monstro, infelizmente ao custo da vida de sua mãe.

> Olhei para trás. Num clarão de relâmpago, através do para-brisa traseiro salpicado de lama, vi um vulto andando pesadamente na nossa direção no acostamento da estrada. Aquela visão fez minha pele formigar. Era a silhueta de um sujeito enorme, como um jogador de futebol americano. Parecia estar segurando uma manta por cima da cabeça. A metade superior dele era volumosa e indistinta. As mãos erguidas davam a impressão de que ele tinha chifres (RIORDAN, 2009, p. 64).

Harry Potter e Percy Jackson iniciam sua Jornada como Heróis em dois momentos aparentemente distintos, aparentemente sem semelhanças. Todavia, em ambos os casos há uma pergunta sem resposta: Harry não consegue descobrir o que há na carta e Percy não consegue saber se o que aconteceu no museu é real. Campbell (1999, p.60), diz que "[...] Um erro – aparentemente um mero acaso – revela um mundo insuspeito, e o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas [...]".

O segundo momento do Chamado da Aventura de Harry Potter é desencadeado pelo o primeiro, as cartas que não param de chegar, fazendo com que seu tio leve os moradores para outra casa. Com isso, Hagrid consegue contar qual é sua origem. Diferentemente ocorre com Percy Jackson. O ataque da Fúria não leva Percy ao Chalé.

Mesmo assim, nos dois momentos surge o arauto e, nas duas obras, esta é uma figura gigantesca. Para Harry é Hagrid, um amigo, e para Percy é o Minotauro, outro perigo mortal. Nesse ponto se pode dizer que as duas histórias também divergem. Em Harry Potter, o Chamado da Aventura não é um perigo, diferentemente de Percy Jackson. Mas, quando o Chamado se concretiza definitivamente, o herói passa pela recusa.

A Recusa do Chamado, outra etapa da jornada, ocorre após o Chamado em si. Campbell (1999, p.66) diz que:

> A recusa à convocação converte a aventura em sua contraparte negativa. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela "cultura", o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva. Seu mundo florescente torna-se um deserto cheio de pedras e sua vida dá uma impressão de falta de sentido [...].

No livro Harry Potter e a Pedra Filosofal a recusa irá aparecer na forma de uma dúvida, um momento de não compreensão sobre o que é verdade ou não. É resolvida de maneira rápida, porém está presente.

> Hagrid fitou Harry com calor e respeito iluminando seus olhos, mas Harry, em vez de se sentir contente e orgulhoso, teve a certeza de que tinha havido um terrível engano. Bruxo? Ele? Como era possível? Passara a vida dominado por Duda e infernizado pela tia Petúnia e pelo tio Válter; se era realmente um bruxo, por que eles não tinham se transformado em sapos toda vez que tentaram prendê-lo no armário? Se uma vez derrotara o maior feiticeiro do mundo, como é que Duda sempre pudera chutá-lo para cá e para lá como se fosse uma bola de futebol?
> – Rúbeo – disse calmo –, acho que você deve ter cometido um engano. Acho que não posso ser um bruxo (ROWLING, 2000, p. 47).

A recusa é não acreditar ser um bruxo, um herói que salvou tantas pessoas, pensamento proferido em forma de pergunta. Tão logo essa dúvida aparece, ela se vai, e o herói finalmente aceita sua jornada e prepara-se para enfrentar o desconhecido.

> [...] Para sua surpresa, Hagrid deu uma risadinha abafada.
> – Não é bruxo, hein? Nunca fez nada acontecer quando estava apavorado ou zangado? Harry olhou para o fogo.
> Pensando bem... cada coisa estranha que deixara os seus tios furiosos tinha acontecido quando ele, Harry, estava perturbado ou com raiva... perseguido pela turma de Duda, pusera-se de repente fora do seu alcance... receoso de ir para a escola com aquele corte ridículo, conseguira fazer os cabelos crescerem de novo... e da última vez que Duda batera nele, não fora à forra sem perceber que estava fazendo isto? Não mandara uma cobra atacá-lo?
> Harry olhou para Hagrid, sorrindo, e viu que ele ria abertamente para ele.
> – Viu? – disse Hagrid. – Harry Potter não é bruxo? Espere, você vai ser famoso em Hogwarts (ROWLING, 2000, p. 47).

Percy Jackson passa pela Recusa do Chamado de maneira mais enfática, num período de tempo relativamente mais longo que um simples pensamento, um verdadeiro estado de negação.

> – Mas são historias – disse eu.
> – São... mitos, para explicar os relâmpagos, as estações e tudo mais.
> Era nisso que as pessoas acreditavam antes de surgir a ciência. [...] Meu coração disparou. Ele estava tentando me deixar zangado por alguma razão, mas eu não ia permitir que o fizesse. Eu disse:
> – Eu não gostaria disso. Mas não acredito em deuses (RIORDAN, 2009, p. 76-77).

A recusa liga-se diretamente com a perda da mãe. Percy por fim aceita seu destino e o chamado não como uma certeza, mas como conformidade à confusão e à dor, com a aceitação de que essa é sua nova realidade.

> Olhei para o cavalo que acabara de pular da cadeira de rodas: um enorme corcel branco. Mas, onde devia estar o seu pescoço, estava a parte de cima do corpo do meu professor de latim, suavemente enxertada no tronco do cavalo.
> – Que alívio – disse o centauro. – Fiquei tanto tempo confinado lá dentro que minhas juntas adormeceram. Agora venha, Percy Jackson. Vamos conhecer os outros campistas.
> Depois que assimilei o fato de meu professor de latim ser um cavalo, fizemos um passeio agradável, embora tivesse o cuidado de não andar atrás dele [...] (RIORDAN, 2009, p. 82-83).

É possível aventar causas para as diferentes formas de recusa. Harry duvida de sua capacidade. O tratamento que recebeu dos tios e primo o transformaram em um menino sem confiança. Ao aceitar seu chamado, Harry Potter tem o que ganhar. Ele não será mais um menino indefeso na casa de alguém que não goste dele, mas sim um bruxo.

Percy Jackson recusa seu destino por um tempo maior. Ao aceitar a Jornada, ele aceitará também a morte de sua mãe. Logo, essa nova vida vem acompanhada da dor da morte de sua mãe, único familiar que ele conhece.

Durante a Jornada do Herói nos passos que se seguem, Harry e Percy conhecem seus mentores, fazem amigos e inimigos. Passam por provas e desafios, vão de encontro à morte e ao desafio final. Por fim, conseguem o Elixir, o prêmio que ambos buscavam. A Passagem do Limiar do Retorno ocorre após sua provação final e o resgate do elixir. Campbell (1999, p.213) assim explica:

> Os dois mundos, divino e humano, só podem ser descritos como distintos entre si diferentes como a vida e a morte, o dia e a noite. As aventuras do herói se passam fora da terra nossa conhecida, na região das trevas; ali ele completa sua jornada, ou apenas se perde para nós, aprisionado ou em perigo; e seu retorno é descrito como uma volta do além. Não obstante e temos diante de nós uma grande chave da compreensão do mito e do símbolo, os dois reinos são, na realidade, um só e único reino. O reino dos deuses é uma dimensão esquecida do mundo que conhecemos. E a exploração dessa dimensão, voluntária ou relutante, resume todo o sentido da façanha do herói.

Pode-se dizer que essa passagem é uma quase morte. O protagonista renasce dos acontecimentos em sua aventura. É seu teste final, quando ele se transforma e um ser mais experiente e evoluído. Trata-se de sua purificação, o último passo de sua aventura.

> [...] os mitos por exemplo, aqueles que Ovídio reuniu em seu grande compêndio, Metamorfoses contam repetidas vezes as chocantes transformações que sobrevêm quando o isolamento entre um centro de força altamente concentrada e o campo de força inferior do mundo circundante é subitamente retirado sem as devidas precauções. Segundo o conjunto de contos encantados dos celtas e germânicos, um gnomo ou elfo que for surpreendido do lado de fora pelo nascer do sol será transformado imediatamente numa vara ou pedra. O herói que retorna, para completar sua aventura, deve sobreviver ao impacto (CAMPBELL, 1999, p. 220).

Harry Potter passa por seu momento de transformação final em sua quase morte, quando luta com seu grande inimigo, Voldemort, que na narrativa possuía o corpo do Professor Quirrell.

> Harry ficou em pé de um salto, agarrou Quirrell pelo braço e segurou-o com toda a força que pôde. Quirrell berrou e tentou se desvencilhar – a dor na cabeça de Harry estava aumentando – ele não conseguia enxergar – ouvia os gritos terríveis de Quirrell e os berros de Voldemort "MATE-O! MATE-O!" e outras vozes, talvez dentro de sua própria cabeça, chamando "Harry! Harry!". Sentiu o braço de Quirrell desprender-se com força de sua mão, teve certeza de que tudo estava perdido e mergulhou na escuridão, cada vez mais profunda (ROWLING, 2000, p. 213).

Harry faz seu caminho de volta por um instante de transformação final. O acontecimento faz com que ele questione seu mentor e entenda as consequências de tornar-se um bruxo e um herói de fato. Ele repensa sua passagem por todos os acontecimentos e aceita sua condição. Harry entende a importância de seu mundo comum, pois não é mais o menino inseguro, medroso e vulnerável que seus tios e primo atormentavam. As mudanças durante a jornada deixaram-no corajoso e confiante em si.

> Harry ainda demorou para trocar uma última palavrinha com Rony e Hermione.
> – Vejo vocês durante as férias, então.
> – Espero que você tenha... hã... umas boas férias – disse Hermione, olhando hesitante para tio Válter, espantada que alguém pudesse ser tão desagradável.
> – Ah, claro que sim – respondeu Harry, e eles ficaram surpresos com o sorriso que se espalhava pelo seu rosto. – *Eles* não sabem que não podemos fazer bruxarias em casa. Vou me divertir à beça com o Duda este verão... (ROWLING, 2000, p. 223, itálico no original).

Percy Jackson passa pelo Limiar do Retorno, tal qual, Harry Potter. Ele vive um instante de quase morte mais acentuado, uma passagem literal de ressurreição e mudança. Ao enfrentar o inimigo no fim de sua jornada, a personagem é posta à prova e sua morte parece clara e impossível de ser evitada.

> Ele traçou um arco com a espada e desapareceu numa onda de escuridão.
> O escorpião deu o bote.
> Eu o joguei de lado com a mão e destampei a espada. A coisa pulou em cima de mim e eu a cortei ao meio no ar. Estava a ponto de me congratular quando olhei para

> a minha mão. Na palma havia um enorme vergão vermelho, que destilava uma secreção amarela e fumegante. A coisa me pegara, afinal.
> Meus ouvidos latejavam. Minha visão ficou embaçada. A água, pensei. Ela já me curara antes.
> Cambaleei até o regato e mergulhei a mão, mas nada pareceu acontecer. O veneno era forte demais. Minha visão estava escurecendo. Eu mal conseguia ficar em pé.
> *Sessenta segundos*, Luke me dissera.
> Eu tinha de voltar ao acampamento. Se desmaiasse aqui, meu corpo seria o jantar de algum monstro. Ninguém jamais saberia o que aconteceu.
> Minhas pernas pareciam feitas de chumbo. Minha testa queimava. Fui cambaleando até o acampamento, e as ninfas despertaram de suas árvores.
> – Socorro – grasnei. – Por favor...
> Duas delas seguraram os meus braços e me puxaram para frente. Lembro-me de chegar até a clareira, de um conselheiro gritando por ajuda, de um centauro tocando uma trombeta de concha.
> Então tudo escureceu (RIORDAN, 2009, p. 379, itálico no original).

Passado esse instante, Percy sobrevive e isso o leva a conversas definitivas com seu mentor, bem como com seus amigos e aliados. O herói entende que sua jornada por hora termina, mas que seu destino como tal, não. Principalmente, ele consegue um equilíbrio de seus dois mundos. Percy Jackson também não é mais o menino confuso e com problemas, mas sim um menino corajoso e confiante.

> [...]Eu não queria ficar deitado na cama como um inválido enquanto Luke estava lá fora planejando destruir o mundo ocidental.
> Consegui dar um passo para a frente. Depois outro, ainda me apoiando pesadamente em Annabeth. Argos nos seguiu para fora, mas manteve distância.
> Quando chegamos à varanda, meu rosto estava molhado de suor. Meu estômago se contorcia em nós. Mas eu conseguira ir até a cerca.
> Estava anoitecendo. O acampamento parecia completamente deserto. Os chalés estavam escuros e a quadra de vôlei, silenciosa. Nenhuma canoa cortava a superfície do lago. Além dos bosques e dos campos de morangos, o estreito de Long Island brilhava com os últimos raios do sol (RIORDAN, 2009, p.383).

A passagem pelo Limiar do Retorno pode ser simbólica ou literal. No caso dos dois protagonistas, a passagem é feita de maneira literal, os dois têm seus momentos de quase morte. A passagem pelo Limiar do Retorno também é a junção de suas duas realidades ou, nos dizeres de Campbell (1999, p.225), a “necessidade do herói de reunir seus dois mundos”.

Ao final de sua jornada os heróis não são mais os mesmos, ambos se transformam e aprendem lições que os ajudarão no equilíbrio de seus dois mundos. Harry não é mais o menino inseguro e Percy não é mais o menino problemático que não consegue se entender. São mudanças significativas. Eles, ao final, se sentem dignos e corajosos para enfrentar seus inimigos. A mais importante mudança é a aceitação de que ambos têm de seu mundo comum e seu mundo fantástico.

Desse modo, dentro do recorte oferecido, afirma-se que os dois protagonistas apresentam uma construção parecida. Ambos passam por esses respectivos pontos da Jornada de maneiras análogas. Sua construção quanto à Jornada, pode-se assim dizer, é similar.

As similaridades das duas personagens podem ser estendidas também a seus aspectos físicos e sociais. Harry é descrito como um menino pequeno, magro, de olhos verdes e cabelos negros. Sua principal característica é a cicatriz em forma de raio na testa. Percy é descrito como sendo alto, forte, coincidentemente também com olhos verdes e cabelos negros. No entanto, Harry é magro e pequeno, diferentemente de Percy. O primeiro usa óculos, algo que não acontece com o segundo.

No que tange ao elenco de apoio, Harry possui dois melhores amigos, Rony e Hermione. Seu mentor é o diretor e professor da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, Alvo Dumbledore. Percy também possui dois melhores amigos, Grover e Annabeth. Seu mentor é Quíron, um centauro, o diretor das atividades do acampamento meio-sangue.

> – Foi legal ela ter nos tirado do aperto – admitiu Rony. – Mas não se esqueça, *salvamos* a vida dela.
> – Talvez ela não precisasse ser salva se não tivéssemos trancado a coisa com ela – lembrou Harry.
> [...] Hermione, porém, estava parada sozinha do lado da porta, esperando por eles. Houve um silêncio constrangido. Depois, sem se olharem, todos disseram "Obrigado" e correram para apanhar os pratos.
> Mas, daquele momento em diante, Hermione Granger tornou-se amiga dos dois. Há coisas que não se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro, e derrubar um trasgo montanhês de quase quatro metros de altura é uma dessas coisas (ROWLING, 2000, p. 132).

> Enquanto Annabeth e eu estendíamos toalhas de piquenique, Grover apareceu para se despedir de nós. Usava os jeans, a camiseta e os tênis de sempre, mas nas últimas semanas começara a parecer mais velho, quase com idade de secundarista. [...]
> – Estou de partida – disse ele. – Vim só dizer... bem, vocês sabem. Tentei me sentir feliz por ele. Afinal, não era todo dia que um sátiro conseguia permissão para procurar o grande deus Pã. Mas era difícil dizer adeus. Eu só conhecia Grover fazia um ano, e, no entanto ele era o meu amigo mais antigo. Annabeth deu-lhe um abraço. Ela lhe disse para usar sempre os seus pés falsos (RIORDAN, 2008, p. 366-367).

O elenco de apoio, aliados ou amigos, serão de grande ajuda para os heróis. Os aliados que auxiliam nas batalhas que os heróis enfrentam, e, por muitas vezes são responsáveis pelas vitorias.

> Os heróis têm uma gama de opções. Podemos dar meia-volta e sair correndo, atacar o oponente de frente, usar a astúcia e enganá-lo, suborná-lo ou aplacá-lo, ou ainda transformar um aparente inimigo num Aliado. (Embora não pretendamos discutir o Aliado como um arquétipo separado, os heróis são auxiliados por uma variedade de arquétipos coletivamente conhecidos como Aliados) (VOGLER, 2006, p. 72).

Nos dois trios, que configuram as personagens principais das narrativas, a figura feminina é quem apresenta a maior inteligência. Contrariando o estereótipo padrão, são as mulheres quem apresentam a racionalidade. Como o ambiente das obras emula um ambiente de aprendizado, seja uma escola tradicional inglesa, seja um acampamento de treinamento, o conhecimento do tipo enciclopédico é altamente considerado, o que sugere, em certa medida, uma espécie de empoderamento da parte dessas figuras femininas. Embora coadjuvantes, seus conhecimentos e atuações são fundamentais para o sucesso da aventura. Observa-se como isso ocorre em *Harry Potter e a Pedra Filosofal:*

> Hermione deixou escapar um grande suspiro e Harry, perplexo, viu que ela sorria, a última coisa que ele tinha vontade de fazer.
> – Genial – disse. – Isto não é mágica, é lógica, uma charada. A maioria dos grandes bruxos não tem um pingo de lógica, ficariam presos aqui para sempre.
> – E nós também, não?
> – Claro que não. Tudo o que precisamos está aqui neste papel. Sete garrafas: três contêm veneno; duas, vinho; uma nos ajudará a passar a salvo pelas chamas negras; e uma nos levará de volta através das chamas roxas.
> – Mas como vamos saber qual delas beber?
> – Me dê um minuto.
> Hermione leu o papel diversas vezes. Depois passou em revista a fila de garrafas, para cima e para baixo, resmungando de si para si e apontando para as garrafas. Finalmente, bateu palmas.
> – Já sei. A garrafa menor nos fará atravessar as chamas negras, rumo à pedra (ROWLING, 2000, p. 206).

Similarmente, observa-se expediente parecido em *Percy Jackson e o Ladrão de Raios:*

> Minha ideia era simples e insana. Quando o barco colidisse, íamos usar a força do impacto como um trampolim para pular por cima do portão. Ouvi falar de pessoas que sobreviveram a desastres de automóvel desse jeito, lançadas a dez ou vinte metros de distância do acidente. Com sorte, cairíamos na piscina.
> Annabeth pareceu entender. Ela apertou minha mão quando os portões se aproximaram.
> – Quando eu der o sinal – falei.
> – Não! Quando eu der o sinal – corrigiu ela.
> – O quê?
> – Física básica! – gritou ela. – A força multiplicada pelo ângulo da trajetória...
> – Está bem! – gritei. – Quando *você* der o sinal!
> Ela hesitou... hesitou... e então gritou:
> – Agora!
> *Crack!*
> Annabeth estava certa. Se tivéssemos pulado quando eu achava que devíamos, teríamos nos arrebentado contra os portões. Ela conseguiu o máximo de impulso (RIORDAN, 2008, p. 247, itálico no original).

Por outro lado, o terceiro ponto dessa relação em tríade é formado por um amigo do gênero masculino. Se, do ponto de vista da inteligência ou coragem, este está abaixo do

protagonista e da figura feminina, essa terceira personagem carrega o conhecimento do mundo fantástico adentrado pelo herói. Cabe ao amigo explicar os detalhes desse novo mundo à personagem principal e, de quebra, também ao leitor. No caso de Harry Potter, Rony Wesley é um membro de uma tradicional, embora empobrecida, família bruxa. Situações admiráveis a Harry lhe são corriqueiras, de modo que é seu papel explicá-las. O mesmo acontece, em medida parecida, com Percy Jackson. Seu amigo é um fauno, um ser que visualmente causa estranheza ao herói. Essa condição, associada ao fato dele ser, desde o início, alguém "infiltrado" na comunidade mortal, tornam Grover a ponte entre o mortal e o mitológico. Veja-se esse diálogo entre Harry e Rony:

> – Qual é o seu time de quadribol? – perguntou Rony.
> – Hum... não conheço nenhum – confessou Harry.
> – O quê? – Rony parecia pasmo. – Ah, espere aí, é o melhor jogo do mundo. – E saiu explicando tudo sobre as quatro bolas e as posições dos sete jogadores, descreveu jogos famosos a que fora com os irmãos e a vassoura que gostaria de comprar se tivesse dinheiro (ROWLING, 2000, p. 81).

Situação análoga na narrativa do semideus olimpiano:

> – Grover, os heróis realmente partiram em missões para o Mundo Inferior?
> – Algumas vezes – disse ele. – Orfeu. Hércules. Houdini.
> – E chegaram a trazer alguém de volta da morte?
> – Não. Nunca. Orfeu chegou perto... Percy, você não está pesando mesmo em...
> – Não – menti. – Estava só imaginando. Então... um sátiro é sempre designado para guardar um semideus?
> Grover me estudou cauteloso. Eu não o tinha convencido de que desistira da ideia do Mundo Inferior.
> – Nem sempre. Vamos disfarçados para uma porção de escolas. Tentamos farejar os meios-sangues que tenham atributos de grandes heróis. Se encontramos um com uma aura muito forte, como uma criança dos Três Grandes, alertamos Quíron. Ele tenta ficar de olho neles, já que podem causar problemas realmente enormes.
> – E você me encontrou. Quíron disse que você achava que eu poderia ser algo especial (RIORDAN, 2008, p. 123-124).

Como se pode ser visto ao longo de toda a análise, ambos os protagonistas possuem semelhanças. Sua construção quanto protagonista e herói possuem, teoricamente, um mesmo caminho, uma base para criar-se heróis. Ao se tomar a teoria de Campbell acerca da Jornada do Herói e as bases arquetípicas da literatura, não poderia deixar de ser diferente. A análise apresentada, portanto, tomou para si a tarefa de deixar tais características mais evidentes.

4 CONCLUSÃO

Podem-se perceber com a análise das jornadas dos nossos dois objetos de pesquisa, que cada qual, passa por um estágio em sua aventura, aqui apresentado, pela Jornada do Herói. Ao final dessa análise, é possível concluir que os dois heróis têm uma construção parecida, similar, mas longe de serem idênticas. Leva-se em conta que cada um tem sua narrativa, com pontos diferenciados, entretanto Harry Potter e Percy Jackson trazem uma semelhança evidente.

Em aspectos físicos e sociais, fica claro como os heróis têm em sua completude uma combinação de amigos e mentores nos mesmos moldes, bem como sua aparência com poucas diferenças. Harry Potter e Percy Jackson possuem em sua construção meios que não se diferem entre si, suas similaridades se fundem quando comparadas.

Desta forma, pode-se por fim dizer que a construção dos objetos de pesquisa não é apenas parecida, mas pontualmente tão similar que por vezes os objetos se confundem. Importa dizer que, quando se considera a Jornada do Herói, tal semelhança não chega a ser uma novidade. Afinal, se essas histórias partilham de arquétipos comuns, dificilmente se verão novidades nessa seara. Mas, como já foi afirmado acima, essas semelhanças ultrapassam as instâncias da jornada, perpassando relações sociais ou descrições físicas.

Mais pesquisas sempre serão benéficas e necessárias para aprofundar a temática. Ainda há muitos outros pontos de contato que podem ter fugido por conta do tamanho do recorte. Outras obras, de menor expressão, também podem se aproveitar dessas semelhanças. Há muito ainda, entre corujas e centauros, entre bruxos e divindades, a se pesquisar.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 29. ed. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

CAMPBELL, Joseph**. O herói de mil faces.** 5. ed. São Paulo: Pensamento, 1999.

CÂNDIDO, Antônio. **A personagem da ficção.** 6. ed. São Paulo: Perspectivas, 1981.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Ática, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOMERO. **Odisseia.** São Paulo: Abr, 1978.

INTRÍNSECA. **Autor-Rick Riordan. [**2018]. Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/autor/32/ >. Acesso em: 21 mar. 2018.

KOTHE, Flávio René. **O herói.** São Paulo: Ática, 1985.

MOISÉS, Massaud. **A análise literária.** 6. ed. São Paulo: Cultrix, 1981.

PIRES, Orlando**. Manual de teoria e técnica literária**. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

PRESSE, France. **Harry Potter completa 20 anos.** [2017]. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/harry-potter-completa-20-anos-relembre-história-e-veja-numeros-da-saga.ghtml >. Acesso em: 21 mar. 2018.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária.** São Paulo: Ática, 1986.

RIORDAN, Rick. **O ladrão de raios.** Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

ROCCO. **Novas edições em capa dura.** [2018]. Disponível em: < https://www.rocco.com.br/especial/harrypotter/ >. Acesso em: 27 abr. 2018.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Pedra Filosofal.** Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. São Paulo: Ática, 1989.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da literatura.** São Paulo: Ática, 1986.

STOKER, Bram. **Drácula.** Porto Alegre: L&PM, 1997.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura míticas para escritores.** São Paulo: Nova Fronteira, 2006.